

Jutahy acusa manobra de ACM

Gerson Menezes

Ao atacar as esquerdas, o ministro Antônio Carlos Magalhães procura buscar uma boa sustentação financeira junto ao empresariado mais conservador e mais retrógrado do País para a realização de um ambicioso projeto político de formação de um grande partido de centro-direita. Para isso, além de tentar assumir a postura de uma grande liderança nacional, tenta ainda de um lado desestabilizar o PDS, posando de "anti-malufista", e de outro absorver o PFL com uma ação de desestabilização da liderança de Aureliano Chaves, presidente de honra do partido.

A análise é do senador Jutahy Magalhães (BA), que esta semana figurou nos noticiários anunciando que vai se transferir do PDS para o PFL porque já não "aguenta mais" conviver na Bahia com o mesmo partido que Antônio Carlos Magalhães. Jutahy está entre os que acreditam que a "campanha orquestrada" contra Aureliano Chaves, através de um noticiário de Imprensa supostamente destinado a desgastar sua imagem, "pode ter origem" nessa ação política de Antônio Carlos Magalhães, embora "não haja provas" quanto ao acerto dessa hipótese.

O senador entende que Antônio Carlos Magalhães realmente "está fazendo força" para criar o partido de centro, ressaltando que o ministro das Comunicações deve ser classificado como "de centro-direita, e tome direita nisso", e jamais dentro de qualquer outra classificação política. Não acredita, no entanto, que esse projeto, que considera "muito ambicioso", tenha qualquer êxito sem apoio expresso do presidente José Sarney.

— E eu também não acredito — prossegue — que o presidente da República vá rocar o apoio maciço e amplamente majoritário de que dispõe (representado pelo PMDB e PFL) por uma mera tentativa, por essa aventura política. Eu, pessoalmente, não acredito, mas evidentemente quem tem que responder é o próprio Sarney. Agora, é lógico que essa maioria de que ele dispõe tem que ser bem administrada.

Plano

Os planos de Antônio Carlos Magalhães, segundo Jutahy, são claríssimos: ele está criando um clima no sentido de tomar o comando do PDS para utilizar como base do novo partido a imensa estrutura de que dispõe a agremiação em todo o País. Para isso, está procurando aparecer como "anti-malufista", quando, segundo o senador, atualmente não há mais o que se



Jutahy diz que ACM quer formar partido de centro-direita

possa chamar de "grupo" ou "domínio" malufista no PDS, mas apenas grupos que desejam inclinar-se mais, ou menos, para a oposição. Ataca também as esquerdas em busca do apoio do empresariado retrógrado e, a par de tudo isto, procura acabar com o PFL, para absorver seu quadro, captando para si a adesão dos moderados.

"Coincidentemente — ironiza Jutahy — surge uma campanha de desestabilização da liderança de Aureliano Chaves, "que pode vir de Antônio Carlos, embora não se possa provar". O senador admite que a "ampla maioria" representada pelo PMDB e PFL precisa ser "bem administrada" para que esse apoio seja

garantido, mas mesmo assim considera remotas as possibilidades de êxito do projeto do ministro das Comunicações: segundo ele, nem os três fatores que poderiam facilitar esse êxito — a falta de boa administração dessa maioria, a acomodação interna que ocorre tanto no PFL como no PMDB e ainda a reformulação partidária que facilita o surgimento de novas siglas — tornariam o projeto realizável sem o apoio do presidente da República, nem mesmo num lance de muito oportunismo, embora considere que ACM é um político "habilitado".

Choque

Jutahy Magalhães classifica sua decisão de ir para o PFL com seu

grupo de uma ação de caráter "essencialmente regional", explicando que o fato de Antônio Carlos Magalhães dominar totalmente o PDS na Bahia e fazer uma política "personalista" estava inviabilizando qualquer ação partidária. "O PDS na Bahia acaba sempre fazendo aquilo que é do interesse político-pessoal do ministro", explica, daí gerando o isolamento por parte dos que não querem se submeter a isso. Essa situação, segundo Jutahy, está deixando o PDS numa situação crítica na Bahia, a ponto de não ter conseguido sequer apresentar candidatos para prefeito e vice-prefeito de Salvador, devido ao desgaste da imagem de Antônio Carlos na capital. O senador explica que vai apenas esperar a convenção do partido, atendendo a um compromisso pessoal com os companheiros que pediram sua permanência diante da possível necessidade de votos de seu grupo para uma eventual disputa com o grupo do rival político. "Não saímos agora — explica — porque pode haver disputa na convenção e poderemos ser responsabilizados por uma eventual derrota. A decisão de ir para o PFL, no entanto, já está tomada". A única possibilidade de retroceder dessa decisão, segundo o senador, "é Antônio Carlos ir para o PFL. Ai nós não iremos, evidentemente".

Opção

A opção pelo PFL surgiu, segundo explica, basicamente pelo fato de o partido ser formado por antigos companheiros do PDS e ainda pela facilidade de entrosamento que isso representa a nível regional. "Além do mais, há por parte do PFL um projeto no sentido de consolidar a agremiação no Estado, mas não através de um projeto personalista, como o do PDS. O que é o PDS na Bahia? É o próprio Antônio Carlos Magalhães".

Quanto à linha ideológica do PFL, Jutahy não concorda com a definição de "centro-esquerda", explicando que "todo mundo passou a ser de centro-esquerda nesse país". Ele prefere encerrar partido como de linha "reformista", que tem um bom programa partidário mas que precisa "fazer funcionar" esse programa, no sentido de promover as reformas, inclusive de mentalidade, de que o país necessita. Neste sentido, defende que o PFL assuma integralmente a campanha da Reforma Agrária, algo essencial para o País e que não pode, segundo observa, se diluir em formulações que visam no mínimo retardar a proposta. "O PFL — recomenda Jutahy Magalhães — precisa assumir essa bandeira da Reforma Agrária".